O LUGAR DA CULTURA NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM INTERCULTURAL DO LIVRO BEM - VINDO

LOMEU, Antonio
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
Universidad Nacional de La Plata. Argentina.
antoniolomeu@hotmail.com

Introdução

Os métodos e estratégias de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras têm valorizado, nos últimos anos, o enfoque comunicativo e a abordagem intercultural, que, por sua vez, destacam a importância de se ensinar e de se aprender a língua portuguesa ambientada dentro da cultura. Isso se deu, sobretudo, em função da concepção, cada vez mais presente e arraigada no ensino de línguas estrangeiras, de que língua e cultura são inseparáveis, e de que o idioma é um discurso inserido em um contexto sócio-cultural particular.

A metodologia comunicativa/intercultural tem sido incorporada aos materiais didáticos nos últimos anos de variadas formas, trabalhando os elementos culturais brasileiros através de distintas perspectivas. O presente trabalho pretende analisar o lugar da cultura brasileira no ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira, tendo como foco o exame da abordagem intercultural empregada pelo livro *Bem-vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação*. Com isso, queremos problematizar o tratamento dado às manifestações culturais por esse material didático, por um lado, lançando luz sobre a forma como apresentam a identidade e a diversidade cultural brasileiras e, por outro lado, discutindo os eventuais mitos e estereótipos vinculados às representações regionais e nacionais do Brasil, reproduzidos pelo livro.

Nesse sentido, nos dedicaremos a identificar de que maneira elementos culturais paradigmáticos brasileiros são expostos, discutidos e trabalhados no ensino e no aprendizado da língua portuguesa, refletindo também sobre como ambos os livros estabelecem suas relações entre língua e cultura.

Por fim, pretendemos em examinar como é realizado o diálogo entre a cultura/língua do

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

sujeito que aprende com a cultura/língua que é ensinada, ou seja, de que maneira esse material didático estabelece a abordagem intercultural entre a cultura brasileira e os estudantes de português língua estrangeira.

Da competência comunicativa à interculturalidade: concepções teóricas

Segundo Dell Hymes (1972) "toda língua está profundamente vinculada à cultura que expressa e transmite, sendo impossível dissociá-las" (Hymes, citado em Ferreira, 1998, p. 39). Com o estabelecimento gradual do paradigma comunicacional dentro do âmbito de ensino de línguas estrangeiras, foi sendo empregada, concomitantemente, a abordagem intercultural como metodologia de ensino/aprendizagem de idiomas. Tendo em vista que saber se comunicar em outra língua é saber lidar e agir em outra cultura, busca-se cada vez mais, através do método comunicativo/intercultural, o desenvolvimento da habilidade de interação com os interlocutores. O objetivo dessa nova forma de pensar o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, portanto, estaria concentrado, sobretudo, na intenção de desenvolver a competência comunicativa por meio da interculturalidade, isto é, através da habilidade de formar enunciados que, além de gramaticalmente corretos, sejam, antes de tudo, socioculturalmente adequados e, por conseguinte, comunicativamente efetivos.

Almeida Filho (2002) sustenta que

> a cultura governa a maior parte das atitudes, dos comportamentos, das representações e dos costumes dos falantes de uma língua" (p.213), portanto, cultura e língua estariam ligadas de maneira dinâmica, influenciando-se mutuamente. De acordo com Fontes, a relação entre cultura e língua é bastante intrínseca, na medida em que "a cultura é o que dá vida à linguagem e sem ela a aprendizagem de uma língua tende a se tornar uma atividade cansativa e sem atrativos (Almeida, 2002, p.78).

A partir dessa concepção de indissociabilidade entre cultura e língua, que começou a nortear o ensino de línguas estrangeiras nas últimas décadas, cada vez mais se torna fundamental a construção de uma competência/consciência intercultural durante o processo de aprendizagem. De acordo com Juliana Schoffen

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

> É quando conhecemos o outro e reconhecemos as diferenças que existem entre nós e eles que começamos a perceber coisas na nossa cultura que antes não percebíamos. É preciso conhecer o outro para se autoconhecer. E para compreendemos outra cultura, primeiro devemos conhecer a nossa, pois é através dela que vamos tecer as ligações necessárias para compreender a cultura do outro. Esse caminho de duas mãos, que vê o outro para entender a si próprio, e vê a si para entender o outro, é o primeiro estágio da compreensão intercultural (Schoffen, 2000, p.12).

Nesse sentido, diversos materiais didáticos, elaborados principalmente nas últimas décadas, incorporaram as novas concepções metodológicas propostas pelo paradigma comunicativo-intercultural. O presente trabalho pretende examinar de que maneira essas noções foram recepcionados e utilizados no ensino de português como língua estrangeira, além de refletir sobre a forma como a cultura brasileira é representada, tendo como objeto de análise o livro *Bem-vindo*. Os dados foram investigados seguindo um enfoque qualitativo. A reflexão acerca dos estereótipos terá como quadro teórico as proposições de Alsina (1999) e Brown (2001).

Alguns trabalhos se dedicaram a analisar a perspectiva intercultural no livro *Bem-vindo*, tais como a dissertação de mestrado de Marcos Reis Batista (2010), *A ideologia na construção identitária do brasileiro: análise de texto em livro didático de PBLA*, e o artigo *A ideologia na construção identitária do brasileiro: análise de texto em livro didático de PBLA* de Larisse Pinheiro e Janaína Ferraz (2018). O primeiro trabalho, no entanto, enfoca o tema de maneira predominantemente quantitativa, além de fazer uma análise menos aprofundada do livro aqui examinado, tendo em vista que foi realizada uma comparação, por Batista, de cinco livros didáticos. Batista também não teve como foco principal a problematização dos estereótipos e imagens cristalizadas do Brasil difundidas pelo material didático, tema central no presente texto[1]. O artigo de Ferraz e Pinheiro, por outro lado, apesar de refletir sobre a ideologia na construção identitária do brasileiro, tema de intersecção com este estudo, o faz desde uma perspectiva da análise do discurso/sociocognitivista, atentando, portanto, a outras questões não pertinentes ao objetivo do nosso texto.

[1] O trabalho de Batista, no entanto, nos ofereceu um importante aporte teórico no que diz respeito aos autores que refletem sobre a interculturalidade e a reprodução de estereótipos no ensino de línguas estrangeiras. Tal marco teórico foi de extrema importância na análise empreendida no presente texto.

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

A cultura e a interculturalidade no livro *Bem-vindo (2009)*

No manual do professor, na parte intitulada "Orientações ao professor", não há menção direta à "interculturalidade" ou à competência intercultural, assim como não existe referência a esses termos ao longo da obra. Com efeito, o livro não reflete especificamente sobre as metodologias e abordagens empregadas nos textos e nas atividades sugeridas e propostas, no entanto, há recomendações ao professor sobre alguns exercícios do *livro texto* do aluno:

> Aplicados a nativos de idiomas latinos, a critério do professor, alguns exercícios e/ou atividades, aparentemente dispensáveis em função da semelhança com a língua nativa do aluno, podem ser deixados de lado, substituídos ou transformados em treino de pronúncia (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.4)

Este tipo de orientação chama a atenção para que se tenha em conta a "língua nativa do aluno", tendo em vista que alguns exercícios do livro principal foram pensados para falantes de idiomas latinos. O livro, diga-se de passagem, conta com distintos cadernos extras de exercícios e um deles destinado aos falantes de línguas latinas (caderno de capa azul).

A cultura brasileira é abordada de maneira direta nos capítulos (chamado no livro de "grupos") "O Brasil e sua Língua" Grupo 2, Unidades 5, 6, 7 e 8 (p. 54-85) e "Diversão e Cultura" Grupo 5 (p.196-227). A partir de temáticas ligadas especificamente a temas da cultura brasileira, se trabalham, nessas unidades, competências gramaticais, lexicais e fonéticas da língua portuguesa. Na Unidade 1, se percebe novamente a preocupação com o público espanhol: "os espanhóis têm dificuldade em pronunciar os fonemas representados por 'ã', 'ão', 'lh', 'z' e 'v', como em 'casa', 'velho', 'cabelo','irmã', 'irmão', dentre outros (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p. 11) ".

No Grupo 2: O Brasil e sua língua, o livro *Bem-vindo*

> apresenta o Brasil e seu idioma, ampliando o conhecimento anteriormente adquirido pelos alunos sobre o país, seus costumes e suas características, bem

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

> como sobre a Língua Portuguesa e sobre onde é falada no mundo. Trata também das expectativas dos alunos antes de vir ao Brasil e de sua chegada no país (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.53).

Para alcançar tal objetivo, os autores destacam a importância das feiras no Brasil, com brincadeiras "Mulher bonita não paga, mas também não leva", a alegria dos feirantes, a periodicidade desse tipo de comércio, etc. Nesse momento são trabalhados os léxicos de horários, momentos do dia, dias da semana. O tema da "alegria brasileira" e sua vocação para fazer brincadeiras aparece pela primeira vez na obra e será aspecto presente em outros textos e atividades.

A capoeira aparece também na mesma unidade como tema abordado. No *manual do professor* sugere-se que seja explicada a história dos instrumentos da capoeira, como por exemplo, o berimbau; que sejam mostradas fotos da Bahia, que sejam apresentados seus costumes e sua tradição. Ademais, trabalha a capoeira como forma de expressão da cultura negra atribuindo importância a história da arte marcial/dança e a contribuição dos escravos africanos na sua formação.

Na unidade 2, o churrasco é apresentado como um dos costumes dos brasileiros. No manual do professor, os autores fazem o seguinte comentário acerca desse costume:

> Mencione que o churrasco é muito comum (especialmente nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste) em festas e comemorações. Existem empresas especializadas em oferecer esse tipo de serviço, mas, muitas vezes, os próprios anfitriões se responsabilizam por fazê-lo. Muitos edifícios já contam com churrasqueiras, não só na área comum, mas também nas varandas dos apartamentos (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p. 26).

A temática do churrasco, como pode ser visto nessa passagem, é explorada como um elemento de aproximação com a cultura brasileira, através da menção das ocasiões nas quais se cozinha tal comida, como e quando são organizados os churrascos, destacando assim a importância social desse ritual. Mais a frente, ainda no *manual do professor*, se sugere um exercício de interculturalidade:

> Os cortes de carnes em muitos países são diferentes dos cortes no Brasil. Mencione também que, normalmente, em churrascos, podemos ter peixe, frango,

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

> coração de galinha, linguiça, salsicha e porco, e que as carnes mais apreciadas são: maminha, picanha e alcatra (veja o Apêndice IV, p. 223) (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p. 27)

Esse tipo de exercício estimula a discussão sobre como se chamam e como são os cortes de carne no Brasil, estabelecendo uma comparação com os hábitos alimentares da cultura do falante de outra língua. Além disso, o churrasco é utilizado pelos autores como ponto de partida para trabalhar questões gramaticais tais como os verbos no pretérito imperfeito e léxico de comidas e alimentos.

Na unidade seguinte introduz-se o tema do "dia do índio" para a reflexão sobre a condição indígena nos dias atuais. O texto que disserta sobre o feriado nacional trabalhado no livro é o seguinte:

> DIA DO ÍNDIO: o dia 19 de abril, desde o primeiro Congresso Internacional Indigenista realizado no México em 1940, é dedicado ao índio das três Américas. No Brasil, as comemorações começaram a partir de 1944. De lá para cá, as homenagens acontecem por meio de eventos realizados em todas as regiões do país**. Apesar disso, podemos verificar que a população civilizada brasileira não dá a devida atenção aos povos indígenas,** os quais, quando do descobrimento do Brasil, totalizavam em média dois milhões e, hoje, não passam de duzentos mil. Apesar da existência da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), órgão público que os protege de forma bastante limitada, os índios brasileiros continuam tendo suas terras e sua privacidade invadidas. Concentram-se principalmente no Amazonas e em Goiás. O Tupi-Guarani, língua falada pelos índios, embora não possuindo registro escrito, teve grande influência na configuração do português do Brasil, com palavras como: guaraná, abacaxi, Tietê, Pernambuco, Iguaçu e muitas outras (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p. 59).

Embora estimule o aluno a refletir sobre a realidade dos índios, sobre a maneira como vivem e o que sofrem, o texto afirma que "a população civilizada brasileira não dá a devida atenção aos povos indígenas", deixando assim os índios fora do que seria civilização. Dessa maneira, apesar de destacar a necessidade de proteção dos índios

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

frente ao seu extermínio pela "população civilizada", o livro reforça a imagem dos indígenas como povos selvagens, atrasados. Destaca-se, ainda, a contribuição do tupi-guarani no português brasileiro na toponímia e no vocabulário de frutas brasileiras.

De maneira geral, o livro texto do aluno traz poucas informações a respeito das culturas regionais. Resumidamente, os autores apresentam os tipos regionais brasileiros para oferecer ao leitor um panorama da diversidade cultural brasileira da seguinte forma:

Texto "Quem somos, afinal?"[2]

QUEM SOMOS, AFINAL? (1)

Uma fusão de raças e culturas que já dura meio milênio deu aos brasileiros traços e personalidade próprios. Mas basta olhar mais de perto para perceber que, apesar de tudo, não perdemos contato com as raízes de nossa formação.

Algumas das cabeças mais brilhantes do Brasil, de Gilberto Freire a Darcy Ribeiro, gastaram décadas de trabalho tentando resolver a questão 'o que é ser brasileiro?' e não chegaram a uma resposta definitiva.

De algumas coisas, porém, temos noções suficientes para darmos palpites: somos um povo ainda em formação, que junta num vasto território raças e culturas distintas, numa imensa massa humana que já chega a 160 milhões de pessoas - e que costumamos chamar de povo brasileiro.

O brasileiro é isso: o resultado de uma mistura que, mesmo submetida a tantos contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida. E não só por causa da língua portuguesa que todos os brasileiros entendem, pois nossos vizinhos hispano-americanos acabaram se fragmentando em vários países. O que temos no Brasil é, por falta de um termo mais apropriado, uma alma comum.

Mas de onde vem essa alma? 'Dos nossos índios', arrisca o sociólogo Roberto Gambini, 'apesar da importante influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais que distinguem o brasileiro dos outros povos foram herdados dos índios. Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão, pode ser ainda hoje encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país'.

Segundo essa hipótese, os tipos regionais brasileiros, dos gaúchos do sul aos caboclos do norte, dos caiçaras do litoral aos pantaneiros do Mato Grosso, possuem em comum um estrato básico de cultura indígena. Não só aquele facilmente comprovado nos nomes das cidades, nas técnicas de cultivo, nos utensílios ou no folclore de sacis e curupiras, mas algo mais profundo, que moldou nosso inteiro jeito de ser.

O CAIPIRA

De um modo geral, é quem mora no interior de São Paulo e Minas Gerais, vivendo de cultivar a roça. Planta principalmente o milho, do qual fabrica o fubá, mas também retira a palha para o chapéu e o cigarro. Seus modos rústicos, herdados da convivência com os índios, provocavam desdém quando visitava a cidade. Tem mais de setenta sinônimos, a maior parte deles pejorativos, como jeca, capiau, matuto e pé-duro.

O SERTANEJO

É o morador das zonas secas do país, principalmente das chapadas e da caatinga nordestina. Enfrenta a dureza do sertão com uma vida simples, baseada na criação de umas poucas cabeças de gado e no plantio de subsistência. Sua figura sobre o jegue, de facão na cintura, chapéu e gibão de couro e capanga inspirou obras de escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Euclides da Cunha.

O GAÚCHO

O tipo gaúcho está diretamente ligado às vastas pastagens dos pampas do Rio Grande do Sul. Solitário e destemido, essa figura surgiu em busca do gado que, trazido pelos jesuítas, ficou abandonado depois da destruição das missões, reproduzindo-se de maneira selvagem. A bombacha nas pernas, a boleadeira no lugar do laço, o chimarrão e o churrasco são as suas marcas registradas.

O CABOCLO

A palavra caboclo também é usada como sinônimo de mameluco - a mistura entre brancos e índios. Como tipo cultural, no entanto, o caboclo é o ribeirinho, ou seja, o morador das margens dos rios, principalmente os da região Norte, da bacia amazônica. Vive basicamente da pesca e do pequeno roçado aberto em clareiras, e mora em palafitas por causa das freqüentes cheias a que está sujeito.

Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena, como também não está tão permeado pela cultura negra como se chegou a afirmar nas últimas décadas, graças principalmente à intensa produção cultural dos baianos.

Nos centros urbanos vivem hoje 76% dos brasileiros, o que teve um impacto gigantesco na forma de encararmos o mundo. Em 1900, éramos pouco mais de 17 milhões de pessoas, a grande maioria espalhada pelo interior do país, vivendo em contato com a natureza. Não tínhamos televisão, as estradas eram poucas e quase ninguém tinha a chance de viajar por outras partes do país. Quem morava no sul nem sonhava com o estilo de seus conterrâneos do norte. Hoje, porém, vivemos num Brasil bem diferente. Primeiro, experimentamos a chegada de milhares de imigrantes convocados para trabalhar nas lavouras de café de São Paulo ou, então, colonizar as zonas desabitadas do sul brasileiro. Foi um incremento populacional importante, que, além da força de trabalho, introduziu novos elementos culturais.

Quem anda pelas ruas das cidades brasileiras neste final de século sente-se tentado a dizer que estamos cada vez mais parecidos. Mas, se olharmos mais de perto esses brasileiros, veremos que ainda é possível encontrar gente que leva consigo a alma de caipiras, sertanejos e tantos outros personagens que fizeram a história do povo brasileiro.

Fonte: Revista TERRA 06/98 - resumo do texto de Vinícius Romanini

162

[2] Texto escrito por Vinicius Romanini, extraído da Revista Terra 06/98, in Ponce, M. H.; Burim, S. A.; Florissi, S. Bem-Vindo! A Língua portuguesa no mundo da comunicação – livro do aluno. São Paulo: SBS Editora, 2009, p. 162.

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

Fig. 1 Quem somos, afinal?. Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009.

No texto introdutório sobre os tipos brasileiros, enfatiza-se o caráter diversificado da formação cultural e social brasileira definindo a população como uma "fusão de raças e culturas que já dura meio milênio" (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.162) e também como "uma mistura, que mesmo submetida a contrastes históricos e geográficos manteve-se unida (p.162)". O texto, no entanto, argumenta a respeito da existência de "uma alma em comum" brasileira, oriunda dos índios. Destacamos a explicação sobre a origem do que seria "essa alma alegre brasileira" de acordo com o sociólogo Roberto Gambini, citado no texto:

> "Mas de onde vem essa alma? "Dos nossos índios", arrisca o sociólogo Roberto Gambini "apesar da importante influência portuguesa e negra na nossa constituição, os principais traços culturais foram herdados dos índios. Nosso espírito brincalhão, por exemplo, que não consegue ver limites muito claros entre o que é trabalho e o que é diversão, pode ser ainda encontrado nas aldeias indígenas espalhadas pelo país (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.162).

Uma vez mais figura o tema da alegria brasileira como parte da identidade brasileira, que teria origens na herança cultural indígena. O texto sobre os tipos regionais ainda reforçam outros estereótipos como, por exemplo, o caipira tem modos rústicos, o sertanejo tem vida simples, o gaúcho é solitário, o caboclo mora em palafitas. Por conseguinte, a atividade tem como objetivo apresentar os diferentes tipos de populações brasileiras, mas não realiza uma reflexão sobre ações/atitudes quanto aos estereótipos na sua cultura de origem e na cultura brasileira. Apesar de enfatizar as diferenças regionais, o brasileiro é definido da seguinte maneira:

> O brasileiro é isso: o resultado de **uma mistura que, mesmo submetida a tantos contrastes históricos e geográficos, manteve-se unida**. E não só por causa da língua portuguesa que todos brasileiros entendem, pois **nossos vizinhos hispano- americanos acabaram se fragmentando em vários países.** O que temos no Brasil é, por falta de um termo mais apropriado, uma alma comum.

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

(Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.162)

Neste trecho notamos outra característica da identidade brasileira ressaltada pelo livro didático, presente em outras partes do livro, que consiste na *união* entre os brasileiros. Ao contrário dos vizinhos hispano-americanos que se separaram, os brasileiros se mantiveram unidos, devido ao caráter pacífico da população, tema novamente trabalhado posteriormente.

Outro ponto que merece ser destacado consiste na relativização da contribuição da cultura negra para a formação do país. Dando continuidade à apresentação sobre as matrizes culturais brasileiras as autoras afirmam: "Claro que o Brasil não se esgota na herança indígena, **como também não está tão permeada pela cultura negra**, graças principalmente a intensa produção cultural dos baianos" (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p.162).

Mediante a necessidade atual de resgatar a importância da cultura afro-descendente, tendo culminado na criação em 2003, da lei 10.639 que incluiu no currículo escolar o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, como forma de levar conhecimento às crianças e jovens e promover o debate sobre questões raciais, o material didático vai contra os esforços educativos brasileiros atuais para suscitar tal discussão, sugerindo que a contribuição da cultura afrodescendente seria superestimada e supervalorizada.

Ainda sobre as regiões do Brasil, o livro, mais adiante, difunde outros estereótipos em outra atividade proposta:

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

O PAÍS E O IDIOMA

Esta imensidão cercada pelo Oceano Atlântico, pelas Guianas, pelo Suriname, pela Venezuela, pela Colômbia, pelo Peru, pela Bolívia, pelo Paraguai, pela Argentina e pelo Uruguai tem um nome imponente: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. É um país bom para nós, brasileiros, e para todos que nos visitam ou que mudam para cá: não temos guerras nem grandes catástrofes naturais. Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria. O Brasil é dividido em 5 regiões e cada qual é conhecida dentro e fora do país por algumas características bem marcantes. O *Norte* abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas. É num estado *Nordestino* que se fala o português mais correto do Brasil: no Maranhão. É também no *Nordeste* que se encontram algumas das praias mais famosas e tão bonitas que atraem turistas do mundo inteiro. Na Região *Sudeste* está uma das cidades mais conhecidas do mundo, verdadeiro cartão-postal do Brasil: o Rio de Janeiro com sua belíssima vista, a estátua do Cristo Redentor e... suas mulheres bonitas. A capital do país, Brasília, se situa no Distrito Federal que está na Região *Centro-Oeste*. Já boa parte dos imigrantes italianos, japoneses e alemães optou por habitar na Região *Sul* onde provavelmente o clima se aproxima mais ao das suas terras de origem. Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português!

No decorrer desta unidade você terá oportunidade de conhecer muito, muito mais sobre esta linda terra *onde canta o sabiá*!!

Fig. 2 O pais e o idioma. Ponce, Burim e Florissi (2008, p. 73).

O texto acima difunde algumas visões estereotipadas quando afirma que no Estado do Maranhão se fala o português mais correto do Brasil, que o Rio de Janeiro se caracteriza por ter mulheres bonitas, o Nordeste possui as praias mais belas e o Norte "abrange a Amazônia com seu grande rio, afluentes, sua linda e rica floresta, seus índios, seus botos-cor-de-rosa e demais lendas" (Harumi de Ponce, Burim e Florissi, 2009, p. 73). Novamente aparece o tema da união entre os brasileiros mantida, sobretudo pela uniformidade lingüística, pois "Um grande elo de união do nosso povo é que em todas as regiões do Brasil fala-se português." (p. 73). O livro do aluno ainda trabalha um *texto-áudio* que define o Brasil como um "país sem guerras ou catástrofes naturais" (p. 73) e voltam a citar novamente o caráter alegre brasileiro: "Muitos de nós, contudo, passam por muitas dificuldades financeiras, mas é da nossa gente enfrentá-las sempre com otimismo e alegria" (p. 73). O nacionalismo romântico também se nota bastante presente na composição do texto na medida em que valoriza as belezas naturais e faz referência ao poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias.

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

Considerações finais

O livro *Bem-Vindo* aborda diversos outros aspectos culturais brasileiros, tais como a culinária, a política e a história, os problemas sociais, os níveis de interação, as rotinas diárias e as instituições públicas. Estes não foram objeto de estudo do presente trabalho, pois o mesmo se concentrou nas atividades que apresentavam de maneira mais explicita algumas imagens cristalizadas e generalizadas do Brasil e da população brasileira.

Os estereótipos difundidos pelo material didático não são se constituem como um problema em si, tendo em vista que, de acordo com Alsina (1999), os estereótipos positivos podem contribuir para o interesse dos estrangeiros em conhecer determinada cultura. Segundo Brown, os estereótipos ainda podem ajudar a uma pessoa a compreender melhor uma cultura em geral e identificar as diferenças entre essa cultura e a sua própria.

No entanto, os estereótipos são negativos quando possuem características que podem ser consideradas pejorativas para indivíduos de outras origens que os consideram de todo "inadequados" (Alsina, 1999). Para Brown, os estereótipos negativos também podem dificultar a comunicação intercultural, visto que não auxiliam na descrição de uma pessoa em particular, pois cada indivíduo é singular e seu comportamento não poderá ser previsto com base nas normas culturais do grupo ao qual pertence (Brown, 2001).

Ao longo do trabalho salientamos a maneira como os estereótipos são apresentados, trabalhados e discutidos em distintas unidades do livro. Com efeito, alguns deles não foram problematizados e alguns até reforçados como inerentes à identidade brasileira, tais como a alegria, a união, as riquezas naturais e a beleza feminina, etc. Embora haja um importante esforço de discutir a questão indígena no Brasil e a contribuição dos afrodescendentes para a cultura brasileira, destaca-se ainda algumas visões desconectadas aos debates atuais em relação às minorias étnicas no Brasil, tais como os indígenas e os negros, os primeiros apresentados como não civilizados e os segundos como superestimados em seus aportes à formação cultural brasileira.

Podemos concluir que o livro se esforça para estabelecer um vínculo intercultural ao escolher aspectos que apresentam ao aluno aspectos fundamental da cultura brasileira. No entanto, alguns desses aspectos carecem de reflexões acerca da própria generalização e cristalização da identidade cultural brasileira. Diante de tais questões faz-se necessário que o próprio docente estimule os alunos a realizarem reflexões sobre essas imagens do

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar

Brasil reproduzidas a partir dos textos e atividades propostos pelo material didático.

Referências

Almeida Filho, J. C. P de. "Língua além de cultura ou além de cultura, língua? Aspectos do ensino da interculturalidade" En Tópicos em Português Língua Estrangeira. Cunha, M. J. C; Santos, P. Brasília Editora UNB, 2002.

Andrighetti, G. H., Santos, L. G. dos. Português como língua adicional: reflexões para a prática docente. Porto Alegre: Bem Brasil, p. 17-44, 2012.

Alsina, M. R. Comunicación intercultural. Barcelona: Anthropos, 1999.

Batista, M. O (inter)cultural em livros didáticos de português brasileiro para estrangeiros, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2010.

Brown, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. Nova Jersey: Prentice Hall, 2001.

Ferraz, J., Pinheiro, Larisse. A ideologia na construção identitária do brasileiro: análise de texto em livro didático de PBLA, ReDCen – Revista Discurso em Cena, 2018.

Ferreira, I. A. Perspectivas interculturais na sala de aula de PLE. In: Silveira, R.C. P. da (org.). Português língua estrangeira perspectivas. São Paulo: Cortez, p. 39-58, 1998.

Fontes, S.M. "Um lugar para a cultura", En Tópicos em Português Língua Estrangeira, Cunha, M. J. C; Santos, P. Brasília Editora UNB, 2002.

Ponce; Burim; Florissi. Bem-vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação, São Paulo: Sbs, 2009.

Schoffen, J. R. Vivenciando língua e cultura: sugestões para práticas pedagógicas em Português como língua Adicional. In: Schoffen, J. R., Kunrath, S. P.

ISSN 2250-7396 - http://jornadaselse.fahce.unlp.edu.ar